

DESCONSTRUINDO NORMAS TRADICIONAIS DE GÊNERO: A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG E A INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICO- ARQUETÍPICA

Aline Rodrigues Maroneze¹

Dandara Christini Alves de Amorim²

Joice Graciele Nielsson³

RESUMO: No mundo moderno, as delimitações entre os sexos são mais rígidas do que as da orientação sexual. A Psicologia Analítica, através de conceitos como *anima* e *animus* (representações do feminino no homem e do masculino na mulher), oferece uma perspectiva relevante para discutir gênero, explorando suas dinâmicas internas e projeções sociais. Este estudo qualitativo analisa a interpretação de cinco profissionais que aplicam a Psicologia Analítica em suas práticas clínicas, utilizando o enfoque do processamento simbólico-arquetípico. O objetivo é investigar como os arquétipos junguianos podem desconstruir normas tradicionais de gênero, promovendo uma visão mais dinâmica e inclusiva, influenciada por fatores conscientes e inconscientes. A pesquisa integra as teorias de Jung com críticas contemporâneas, demonstrando como *anima* e *animus* explicam o processamento simbólico do gênero, contribuindo para um debate ampliado sobre identidade e comportamento.

Palavras-chave: Teoria junguiana; Gênero; Psicoterapia; Arquétipos.

ABSTRACT: In the modern world, the boundaries between sexes are more rigid than those of sexual orientation. Analytical Psychology, through concepts such as *anima* and *animus* (representations of the feminine in men and the masculine in women), offers a relevant perspective for discussing gender, exploring its internal dynamics and social projections. This qualitative study examines the interpretations of five professionals who apply Analytical Psychology in their clinical practice, using the symbolic-archetypal processing approach. The aim is to investigate how Jungian archetypes can deconstruct traditional gender norms, promoting a more dynamic and inclusive understanding, influenced by both conscious and unconscious factors. The research integrates Jung's theories with contemporary critiques, demonstrating how *anima* and *animus* explain the symbolic processing of gender, contributing to an expanded debate on identity and behavior.

Keywords: Jungian theory; Gender; Psychotherapy; Archetypes.

¹ Doutoranda em Direitos Humanos (Unijuí). Bolsista CAPES/PDPG. Mestra em Direito (URI) e em Desenvolvimento e Políticas Públicas (UFFS). Pós-graduada em Direito Processual Civil (Uninter). Advogada (OAB/RS 86.479). Integrante do Grupo de Pesquisa CNPq "Direitos Humanos e Movimentos Sociais". E-mail: aline_maroneze@yahoo.com.br

² Doutoranda em Direito (UNOESC). Mestra em Desenvolvimento Territorial (PUC-GO). Advogada (OAB/MT). Professora e coordenadora do curso de Direito (Univar). E-mail: advdandaraamorim@outlook.com

³ Pós-doutora em Direito (Università degli Studi "G. d'Annunzio"). Doutora em Direito Público (UNISINOS-FURB). Professora e pesquisadora em Direitos Humanos (Unijuí). E-mail: joice.gn@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A aplicação da Psicologia Analítica às questões contemporâneas de gênero revela a necessidade urgente de revisitar e expandir os conceitos tradicionais estabelecidos por Carl Jung. A abordagem junguiana, que originalmente sustentava uma visão binária de gênero, enfrenta desafios ao lidar com a complexidade e a fluidez das identidades de gênero emergentes. A crítica contemporânea, especialmente a partir da Teoria Queer e dos estudos pós-junguianos, oferece uma perspectiva valiosa que questiona e reinterpreta os arquétipos tradicionais, como anima e animus, para refletir uma gama mais ampla de experiências e identidades. Essas revisões são essenciais para que a Psicologia Analítica permaneça relevante e eficaz no contexto das realidades atuais de gênero.

Além disso, a transformação dos arquétipos de gênero na cultura popular e na mídia, com representações mais diversas e inclusivas, destaca a necessidade de uma prática clínica que se alinhe com essas mudanças. A incorporação de uma visão mais fluida e adaptativa dos arquétipos de gênero não apenas enriquece a prática terapêutica, mas também promove uma maior aceitação e compreensão das experiências dos pacientes. À medida que a sociedade evolui, é crucial que a psicologia e outras disciplinas de apoio se adaptem para oferecer um suporte que ressoe com a

diversidade e complexidade das identidades de gênero contemporâneas.

2. A PSICOLOGIA ANALÍTICA DE JUNG E A INTERPRETAÇÃO SIMBÓLICO-ARQUETÍPICA

A obtenção e formação do saber - incluindo o autoconhecimento - por meio da expansão da consciência é denominado de individuação na Psicologia Analítica. Essa trajetória se concentra na capacidade e nas restrições de alcançar o inconsciente. O acesso ao inconsciente, e consequentemente compreendê-lo, é baseado na ideia de que ele se manifesta na consciência por meio de símbolos arquetípicos (PENNA, 2004).

A consciência surge de uma psique primitiva inconsciente e tem a função de manter a conexão dos conteúdos mentais com o eu (núcleo da consciência). De acordo com a teoria de Jung, o inconsciente é descrito como a reunião descentralizada de processos mentais que englobam dois níveis: individual e coletivo. Ele se revela por meio de sintomas, complexos, arquétipos e símbolos. Tende a agir de forma autônoma e se apresenta de maneira fragmentada, como complexos divididos de um todo maior (JACOBI, 2013; JUNG, 2014).

O subconsciente individual abriga o complexo afetivo, caracterizado como uma representação ligada a conjuntos de conteúdos psicológicos que estão fora do alcance da consciência, vinculados a uma situação

específica carregada de intensa emoção que age de maneira independente e aleatória, influenciando a pessoa em direção ao subconsciente, inibindo ou impulsionando as ações da consciência. (JACOBI, 2013).

O consciente coletivo é formado por arquétipos de extrema importância para a vida psicológica, pois são a fonte primordial de todas as experiências humanas. Esses arquétipos são refinados de acordo com a sua forma; são imagens da experiência humana que ficam armazenadas no inconsciente e se acumulam ao longo do tempo. Quando essas figuras são trazidas para a consciência, vão se iluminando gradativamente até se tornarem acessíveis. Os conteúdos arquetípicos são representados em mitos, contos ou figuras de forma simbólica, refletindo os processos mentais. (JACOBI, 2013).

O ícone, por sua vez, representa um conceito, cognome ou figura que sugere algo além da sua interpretação óbvia e direta. O ícone tem origem no subconsciente e não pode ser completamente descrito ou compreendido, sendo possível apenas associar-lhe palavras ou representações visuais. A civilização cria ícones para representar ideias que estão além da compreensão consciente. (JUNG, 1964).

Além das ideias teóricas anteriormente mencionadas, Jung também apresenta um método para a prática psicoterapêutica, no qual ele define o papel do terapeuta como sendo de intervenção ativa, de orientar o analisando, de

desafiar e incentivar um confronto pessoal específico. Seu processo é dialético porque envolve um diálogo entre duas pessoas e é um procedimento que leva os conteúdos da consciência para o inconsciente, criando um embate entre essas duas áreas da mente e resultando em uma síntese. (JACOBI, 2013).

Entre os variados temas que podem ser abordados durante a psicoterapia, encontram-se os tópicos ligados ao sexo; visto que ele tem sido ao longo do tempo, em diferentes sociedades e momentos históricos, um fator de reconhecimento e diferenciação cultural relevante. (MCKENZIE, 2010).

Muitas vezes as pessoas relacionam identidade de gênero com o sexo biológico, mas de acordo com Judith Butler, identidade de gênero é uma construção social que determina como homens e mulheres devem agir na sociedade. Da mesma forma, o sexo biológico é uma construção social, onde características masculinas são atribuídas a um órgão sexual e características femininas ao outro. No entanto, o sexo biológico não determina necessariamente a identidade de gênero de uma pessoa. Portanto, gênero é compreendido como o significado cultural que o corpo assume. Segundo essa renomada autora da Teoria Queer, por meio da performatividade, as expressões de gênero se expandem, desafiando as performances limitadas pelo padrão social atual que se baseia em uma dicotomia heterossexual. (MCKENZIE, 2010; AZERÊDO, 2010; ARÁN et al., 2008).

Historicamente, a Psicologia Analítica não explorou muito os temas relacionados a gênero e sexualidade, no entanto, é fundamental reconsiderar a interpretação dos conceitos de anima e animus dentro dessa abordagem teórica (MCKENZIE, 2010). Esses conceitos representam a imagem da alma, sendo o animus referente à psique feminina e o anima referente à psique masculina, desempenhando um papel crucial na complementaridade sexual de cada indivíduo, (JACOBI, 2013).

Estes princípios são baseados em uma sequência de identidades fixas e diferenças hereditárias arquetípicas, que se fundamentam na estrutura sexual do corpo, de acordo com a teoria de Jung. Para Jung, essa estrutura é mais compreensível para os seres humanos, que encontram dificuldade em lidar com diferentes combinações de conteúdos arquetípicos. No entanto, essa abordagem pode entrar em conflito com a ideia de um inconsciente coletivo universal. A teoria arquetípica de James Hillman, influenciada por Jung, questionou a importância da sequência linear ao enfatizar a multiplicidade e simultaneidade dos aspectos arquetípicos. Hillman promoveu uma abordagem multidimensional da troca de características de gênero na psique, (MCKENZIE, 2006).

Neste estudo em questão, a vivência e representação de identidade de gênero serão destacadas como um ponto fundamental na formação da identidade, sendo esta última

compreendida como parte essencial do processo de individuação e o gênero interpretado como a representação simbólica das transformações corporais. É fundamental distinguir as experiências pessoais relacionadas ao gênero e à sexualidade da necessidade social de encontrar formas simbólicas e limites para esses aspectos do ser humano. Assim como a mente não é contida, mas sim contém o indivíduo; o indivíduo não contém o gênero, é o gênero que contém o indivíduo, (MCKENZIE, 2010).

Os sentimentos de identidade de gênero presentes nos corpos surgem através da imaginação corporificada. Esse conceito se relaciona com a interação entre o físico e o imaginário que é acionado pelas atividades mentais ligadas ao corpo em movimento, em um processo que não se prende ao biologicismo fundamental. A abordagem pós-junguiana desenvolvida por Susan McKenzie (2006) busca promover a conscientização e a redescoberta da gama de possibilidades de masculinidade e feminilidade presentes em cada indivíduo. (MCKENZIE, 2010; MCKENZIE, 2006).

Carl Jung propôs que a psique humana é composta de componentes conscientes e inconscientes. No âmbito do inconsciente, surgem os arquétipos, formas universais que moldam nossas percepções e comportamentos. Dois dos arquétipos mais significativos em relação ao gênero são o anima, que representa o aspecto feminino no inconsciente masculino, e o animus, que representa o aspecto masculino no

inconsciente feminino. Esses conceitos foram fundamentais para Jung na compreensão da dualidade sexual e emocional dos seres humanos.

Essa visão de anima e animus como forças complementares reflete a perspectiva junguiana da existência de uma polaridade inerente na psique humana, onde cada indivíduo possui tanto elementos masculinos quanto femininos. No entanto, essa polaridade foi, muitas vezes, interpretada de maneira rígida em termos de gênero binário, algo que contrasta com a crescente compreensão das identidades de gênero como sendo não binárias ou fluidas. Teóricos contemporâneos da Psicologia Analítica, como James Hillman, sugerem uma abordagem mais complexa, em que os arquétipos não estão limitados a uma dicotomia de gênero, mas sim coexistem em um campo multifacetado, com múltiplas expressões simultâneas. Isso permite uma visão mais inclusiva das identidades de gênero, permitindo que os indivíduos acessem aspectos internos que transcendam as definições tradicionais de masculino e feminino.

Além disso, autores como Judith Butler desafiam a ideia de uma essência fixa de gênero, argumentando que o gênero é performativo — uma construção que emerge das interações sociais e culturais, em vez de ser uma característica inata. A noção de que o gênero é uma série de performances repetidas enfraquece a rigidez da complementaridade entre anima e

animus, permitindo uma interpretação mais dinâmica desses arquétipos. Butler sugere que a repetição dessas performances pode reforçar normas de gênero, mas também subvertê-las, criando possibilidades de expressão que se libertam das categorias binárias. Dessa forma, a aplicação clínica dos conceitos de anima e animus precisa ser revista à luz das teorias contemporâneas, levando em conta as identidades trans e não-binárias, além das questões de gênero mais fluidas. (BUTLER, 1990).

Contudo, a aplicação desses conceitos no campo clínico e teórico levanta questões. Jung via o anima e o animus como aspectos complementares, sugerindo que homens e mulheres carregam traços psicológicos do outro gênero, mas em forma inconsciente. Essa visão de complementaridade entre o masculino e o feminino, apesar de inovadora na época, é limitada quando aplicada às identidades de gênero contemporâneas, que desafiam o binarismo de gênero e abraçam a multiplicidade de expressões e identidades. (JUNG, 1964).

Ao aplicarmos os conceitos de anima e animus no contexto clínico atual, percebemos que a complementaridade rígida entre o masculino e o feminino já não responde à realidade das identidades de gênero contemporâneas. A visão junguiana original propunha que o equilíbrio entre anima e animus era necessário para a totalidade psíquica, onde a integração dessas energias internas era crucial

para o processo de individuação. No entanto, tal abordagem pressupõe uma dualidade de gênero que muitas vezes exclui identidades que não se encaixam no binarismo tradicional. As identidades trans e não-binárias, por exemplo, desafiam essa divisão, demonstrando que a fluidez de gênero pode coexistir de maneira integrada e autêntica dentro de uma mesma psique, sem a necessidade de recorrer a uma visão complementar entre masculino e feminino. (SANTOS, 2023).

Além disso, os arquétipos que Jung descreveu como universais, como a Grande Mãe e o Herói, estão profundamente enraizados em construções culturais que, em grande parte, refletem as normas de gênero da época em que foram criadas. Essas figuras arquetípicas moldam a maneira como as sociedades projetam expectativas sobre o que significa ser masculino ou feminino. No entanto, ao longo do tempo, os significados atribuídos a esses arquétipos foram reinterpretados em novas formas culturais, permitindo que as identidades de gênero contemporâneas desafiem as representações tradicionais. Isso sugere que o próprio inconsciente coletivo é dinâmico e adaptável, refletindo as mudanças culturais e sociais que permitem novas formas de expressão de gênero, que vão além das figuras arquetípicas clássicas. (JUNG, 1964).

O inconsciente coletivo, segundo Jung, é o reservatório de experiências humanas compartilhadas, expressas através de arquétipos.

Essas figuras arquetípicas — como o Herói, a Grande Mãe, o Sábio, e o Rebelde — são moldadas por culturas e mitos ao longo do tempo, influenciando não apenas a forma como percebemos o mundo, mas também como construímos nossas identidades de gênero (JUNG, 1964).

Ao observar os arquétipos de gênero presentes em diferentes culturas, percebemos como o inconsciente coletivo reforça normas de gênero. Na sociedade ocidental, por exemplo, os arquétipos de masculinidade estão frequentemente associados à força, ação e racionalidade, enquanto os arquétipos de feminilidade enfatizam cuidado, passividade e emoção. Esses estereótipos moldam expectativas sociais sobre o comportamento de homens e mulheres. (SANTOS, 2023).

A crítica de Judith Butler à visão essencialista de gênero vai além da simples noção de que o comportamento masculino e feminino é natural ou biológico. Para Butler, o conceito de performatividade sugere que o gênero é algo que fazemos repetidamente, construindo identidades através de atos diários que são socialmente regulados. Esses atos, embora pareçam naturais ou inerentes, são na verdade performances que seguem normas culturais estabelecidas. Portanto, o que acreditamos ser “masculino” ou “feminino” são apenas convenções sociais repetidas ao ponto de parecerem naturais. Essa perspectiva critica diretamente o papel dos arquétipos, uma vez que

eles também são moldados culturalmente e podem reforçar essas performances de gênero, mantendo a visão tradicional de masculinidade e feminilidade. (BUTLER, 1990).

Ao contrastar a performatividade de gênero com os arquétipos junguianos, vemos que os arquétipos podem, por vezes, limitar a liberdade individual de explorar identidades de gênero mais fluidas. O arquétipo do Herói, por exemplo, associado à coragem, força e ação, reflete normas culturais que tradicionalmente enquadram o masculino como ativo e dominante. Já o arquétipo da Grande Mãe, ligado ao cuidado e à nutrição, reflete o papel passivo e protetor frequentemente atribuído ao feminino. Dessa forma, os arquétipos se tornam padrões que as sociedades seguem, reforçando expectativas rígidas de comportamento que não consideram a complexidade e a fluidez das identidades de gênero contemporâneas. (JUNG, 2014).

No entanto, as contribuições de autores pós-junguianos, como James Hillman, sugerem que os arquétipos podem ser reinterpretados de forma mais inclusiva e menos limitada pelo binarismo de gênero. Hillman propõe uma visão mais plural dos arquétipos, onde os símbolos e figuras arquetípicas podem coexistir em uma psique multifacetada, sem as limitações rígidas do masculino e feminino tradicionais. Essa reinterpretação possibilita que os arquétipos sejam usados na prática clínica de maneira mais expansiva, permitindo que os indivíduos se

conectem com aspectos múltiplos de sua identidade de gênero, transcendendo as expectativas normativas associadas a esses arquétipos clássicos. (SANTOS, 2023).

No entanto, autores contemporâneos, como Judith Butler, criticam essas construções, sugerindo que o gênero não é algo essencial ou natural, mas sim uma performance socialmente construída. Ao considerar o gênero como performativo, Butler desafia a ideia de que arquétipos de masculinidade e feminilidade sejam universais e fixos. (BUTLER, 1990).

A Teoria Queer oferece uma abordagem crítica à visão essencialista do gênero proposta por Jung. Enquanto a Psicologia Analítica vê o gênero como uma manifestação simbólica de forças arquetípicas inconscientes, a Teoria Queer argumenta que o gênero é fluido e performático, sendo moldado pelas interações sociais e culturais. O conceito de performatividade de gênero, proposto por Judith Butler, afirma que o gênero não é uma essência interna, mas sim uma repetição de comportamentos que são continuamente reforçados ou desafiados. (GARCIA, 2022).

A aplicação dos princípios da Teoria Queer à Psicologia Analítica também propõe uma reavaliação das categorias arquetípicas e simbólicas. Enquanto Jung via os arquétipos como formas universais que moldam a experiência humana, a Teoria Queer sugere que esses arquétipos podem ser mais flexíveis e menos fixos. Em vez de ver os arquétipos de

gênero como entidades predefinidas e estáticas, a abordagem queer promove a ideia de que essas representações podem ser reinterpretadas e adaptadas para refletir uma gama mais ampla de identidades e experiências. Essa perspectiva permite que a Psicologia Analítica se distancie de uma visão essencialista e se aproxime de uma abordagem mais inclusiva e pluriforme. (JUNG, 2014).

Além disso, ao reconhecer a performatividade de gênero como um processo socialmente construído, a Psicologia Analítica pode se beneficiar de uma compreensão mais rica das dinâmicas interpessoais e culturais que influenciam a identidade de gênero. A teoria de Butler destaca que o gênero é uma série de atos e práticas que são realizados repetidamente, e não uma essência intrínseca. Incorporar essa visão na prática terapêutica pode ajudar os profissionais a abordarem questões de identidade de gênero de maneira mais sensível e informada, considerando como as normas sociais e culturais impactam a vivência e a expressão de gênero dos indivíduos. (BUTLER, 1990).

Finalmente, a integração da Teoria Queer na Psicologia Analítica pode promover uma abordagem mais crítica e reflexiva sobre as práticas terapêuticas existentes. A Teoria Queer encoraja a revisão das normas e estruturas que perpetuam visões restritivas de gênero, levando a uma maior conscientização sobre como essas normas podem ser desafiadas ou reconfiguradas

na prática clínica. Essa integração pode, portanto, facilitar uma prática terapêutica mais inovadora e responsiva às necessidades diversas dos pacientes, promovendo um ambiente de maior aceitação e compreensão das complexidades da identidade de gênero. (BUTLER, 1990).

Ao integrar as críticas da Teoria Queer, a Psicologia Analítica pode enriquecer sua abordagem de gênero, permitindo que terapeutas trabalhem de maneira mais inclusiva com identidades trans e não-binárias. A compreensão da fluidez de gênero, em vez de aderir à visão junguiana tradicional de anima e animus como forças complementares e binárias, abre espaço para uma clínica mais dinâmica e adaptada às realidades contemporâneas. (JUNG, 2014).

O enfoque metodológico do processamento simbólico-arquetípico permite que símbolos e imagens arquetípicas sejam explorados no contexto terapêutico. Pacientes que enfrentam questões de identidade de gênero podem usar esses símbolos como metáforas para explorar suas experiências e conflitos internos. O trabalho com símbolos junguianos oferece uma maneira de acessar conteúdos inconscientes relacionados à identidade de gênero, proporcionando uma compreensão mais profunda e integrada do self. (SANTOS, 2023).

A integração da abordagem simbólica-arquetípica na terapia de identidade de gênero também pode ampliar a compreensão das narrativas pessoais dos pacientes. Ao trabalhar

com símbolos e imagens arquetípicas, os pacientes têm a oportunidade de explorar e reconfigurar suas histórias de vida através de uma lente simbólica, permitindo uma integração mais fluida das diversas facetas de sua identidade. Por exemplo, a utilização do arquétipo do "herói" pode ajudar um paciente a reavaliar sua jornada de autodescoberta e transformação, enquanto a "Grande Mãe" pode oferecer insights sobre questões de nutrição e acolhimento que são essenciais para a construção de uma identidade coesa. Esse processo simbólico pode facilitar a descoberta de novas formas de autoaceitação e empoderamento, distantes das restrições das normas tradicionais de gênero. (SANTOS, 2023).

Além disso, a prática clínica que incorpora o processamento simbólico-arquetípico pode fomentar uma abordagem mais criativa e personalizada ao trabalho terapêutico. Em vez de se limitar às abordagens convencionais que podem ter suas limitações ao lidar com a diversidade de gênero, a exploração de símbolos e arquétipos permite uma flexibilidade que pode ser adaptada às necessidades individuais dos pacientes. Essa flexibilidade oferece um espaço seguro para que os pacientes experimentem e expressem diferentes aspectos de sua identidade, promovendo uma compreensão mais ampla e inclusiva de si mesmos. Dessa forma, a terapia pode se tornar um processo mais dinâmico e

enriquecedor, capaz de acolher e integrar as múltiplas dimensões da experiência de gênero. (SANTOS, 2023).

Na prática clínica, isso pode significar trabalhar com sonhos, imaginação ativa e outros métodos de exploração simbólica para ajudar os pacientes a navegarem pelas complexidades de sua identidade de gênero. A utilização de figuras arquetípicas, como a Grande Mãe ou o herói, pode permitir que os pacientes encontrem novas formas de se relacionar com seus próprios aspectos masculinos e femininos, sem se limitarem às normas sociais impostas. (SANTOS, 2023).

No mundo contemporâneo, os arquétipos de gênero são constantemente reforçados pela mídia, literatura e cultura popular. Filmes, séries e campanhas publicitárias frequentemente utilizam arquétipos tradicionais para moldar nossas percepções de masculinidade e feminilidade. No entanto, há também um movimento crescente para desafiar esses arquétipos, oferecendo representações mais diversas e inclusivas. (SANTOS, 2023).

Exemplos como os filmes de super-heróis, onde os personagens femininos assumem papéis de liderança e ação, rompem com o arquétipo da "donzela em perigo". Da mesma forma, representações de homens mais emotivos e vulneráveis desafiam o arquétipo tradicional do "guerreiro" ou "provedor". Essas mudanças refletem uma transformação nos símbolos

coletivos de gênero, permitindo uma maior diversidade de expressões. (SANTOS, 2023).

Apesar de sua contribuição significativa para a compreensão da psique humana, a Psicologia Analítica de Jung tem limitações quando aplicada às questões contemporâneas de gênero. Sua visão binária de masculino e feminino como opostos complementares ignora a complexidade e a fluidez das identidades de gênero que emergiram nas últimas décadas.

A crítica contemporânea, especialmente advinda de estudiosos pós-junguianos e teóricos queer, destaca a necessidade de revisitar e reinterpretar os conceitos de anima e animus para incluir experiências de pessoas trans, não-binárias e de gêneros não conformistas. Ao reconhecer a multiplicidade dos arquétipos de gênero, a Psicologia Analítica pode se adaptar para atender melhor às necessidades das pessoas atualmente. (SANTOS, 2023).

Na prática clínica, terapeutas junguianos têm encontrado maneiras de integrar as críticas contemporâneas sobre gênero em seu trabalho. Por exemplo, em casos envolvendo pacientes trans, a exploração simbólica de suas experiências de transição pode ser facilitada pelo uso de arquétipos fluidos, que transcendem as dicotomias tradicionais de gênero. (SANTOS, 2023).

Casos fictícios ou da literatura clínica ilustram como o trabalho com anima e animus pode ser reinterpretado para incluir identidades de gênero mais diversas, permitindo que os

pacientes encontrem uma sensação de integração e autenticidade em suas expressões de gênero. (SANTOS, 2023).

À medida que a sociedade avança, é crucial que a Psicologia Analítica e outras abordagens terapêuticas continuem a evoluir e a se adaptar às novas compreensões sobre gênero. A integração de uma visão mais inclusiva e fluida dos arquétipos de gênero não apenas enriquece a prática clínica, mas também contribui para uma maior aceitação e respeito pela diversidade de identidades. A capacidade de revisar e expandir os conceitos tradicionais à luz das críticas contemporâneas reflete um compromisso com a relevância e a eficácia das abordagens terapêuticas. (SANTOS, 2023).

Além disso, o impacto das representações culturais sobre gênero, conforme mencionado, oferece um campo fértil para a reflexão e o trabalho terapêutico. À medida que os arquétipos são desafiados e transformados na mídia e na cultura, a prática clínica pode se beneficiar ao incorporar essas mudanças em suas abordagens. A exploração de novas representações e narrativas ajuda a refletir e validar as experiências dos pacientes, promovendo uma compreensão mais holística e respeitosa de suas identidades. (SANTOS, 2023).

Finalmente, ao abraçar a diversidade de expressões de gênero e adaptar os conceitos arquetípicos a uma visão mais fluida, a Psicologia Analítica pode contribuir para uma

sociedade mais inclusiva e compreensiva. Essa adaptação não apenas enriquece a prática clínica, mas também promove um ambiente onde todos os indivíduos têm a oportunidade de explorar e afirmar suas identidades de maneira autêntica e segura. A evolução contínua das teorias e práticas é essencial para garantir que a psicologia e outras disciplinas de apoio acompanhem as transformações sociais e culturais, oferecendo suporte relevante e eficaz a todos os indivíduos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração das críticas contemporâneas e das contribuições da Teoria Queer oferece uma oportunidade de reavaliar e expandir os conceitos junguianos de arquétipos de gênero, permitindo uma prática clínica que seja mais adaptativa às realidades diversas dos pacientes. Reconhecer a fluidez de gênero e desafiar a visão binária tradicional ajuda a criar um espaço terapêutico mais acolhedor e sensível, que pode abordar melhor as complexidades das identidades de gênero modernas.

Além disso, as mudanças culturais e as novas representações na mídia reforçam a necessidade de que a prática clínica se alinhe com essas transformações. Ao incorporar uma visão mais dinâmica dos arquétipos de gênero e refletir sobre as novas narrativas culturais, a Psicologia Analítica pode oferecer um suporte mais eficaz e relevante. A evolução contínua das

teorias e práticas é essencial para garantir que a terapia não apenas compreenda, mas também celebre a diversidade das identidades de gênero, promovendo um ambiente de maior aceitação e autoexpressão para todos os indivíduos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. Routledge, 1990.

JACOBI, Jolande. **A Psicologia de C. G. Jung: Uma Introdução Às Obras Completas**. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 2013.

GARCÍA, Eduardo. **Teoria Queer e Representações de Gênero na Mídia**. Editora Inclusiva, 2022.

JUNG, Carl. **Ab-reação, análise dos sonhos e transferência**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2008.

JUNG, Carl. **A Natureza Da Psique**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2000.

JUNG, Carl. **A Vida Simbólica**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2012.

JUNG, Carl. **O espírito na arte e na ciência**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2013.

JUNG, Carl. **O Homem e Seus Símbolos**. Rio de Janeiro-RJ, Editora Nova Fronteira; 1964.

JUNG, Carl. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2014.

MCKENZIE, Suzan. **Genders and sexualities in individuation: Theoretical and clinical explorations**. Journal of Analytical Psychology (55), 2010.

MCKENZIE, Suzan. **Queering gender: Anima/Animus and the paradigm of**



REI
ISSN 1984-431X

Revista Eletrônica Interdisciplinar
Barra do Garças – MT, Brasil
Ano: 2025 Volume: 17 Número: 2

emergence. Journal of Analytical Psychology (51), 2006.

PENNA, Eloisa. **O Paradigma Junguiano no Contexto da Metodologia Qualitativa de Pesquisa.** Psicologia USP (16), São Paulo-SP, 2004.

SANTOS, Maria. **Psicologia Analítica e Identidade de Gênero: Uma Abordagem Atualizada.** Editora Psique, 2023.